

Um noivado real na Disney global

José de Souza Martins

O Estado de S. Paulo, 21.11.10

O anúncio de que o Príncipe William de Gales e a plebéia Catherine Elizabeth Middleton estavam noivos e se casarão no ano que vem desperta o interesse e a curiosidade próprios dos acontecimentos que só se repetem uma vez numa geração. Longe de ser um interesse restrito aos cidadãos britânicos, esse noivado interessa ao mundo inteiro. A globalização nos fez a todos cidadãos da sociedade do espetáculo e elevou a monarquia britânica ao grau de monarquia símbolo do imaginário romântico. É evidente que a monarquia fantasiosa da euforia popular apenas se nutre da monarquia verdadeira e das exterioridades visíveis de seus ritos e cerimônias. Mas neste caso a noiva plebéia é quem está bem próxima da fantasia.

Só compreendi as monarquias, e essa monarquia genérica em particular, quando visitei com a família, em 1983, a Disneyworld. Nessa época, eu era professor-visitante da Universidade da Flórida, em Gainesville, no norte do estado. Fiz a curta viagem com relutância, mas confesso que me senti gratificado com aquele verdadeiro curso de extensão sobre a pós-modernidade das equivalências fantasiosas e das possibilidades sociais fictícias. Aquilo foi uma aula de política.

Pude perceber que Branca de Neve de fato era politicamente muito mais importante do que os Sete Anões. Ela demonstrara que um simples estalar de beijo não só a trouxe de volta à vida, envenenada que fora pela Bruxa Malvada, mas a elevou também às alturas sociais da nobreza. O impossível era possível. Longe daquela vidinha de criada de servir daqueles mineiros que só pensavam em trabalhar e dormir. Gente simbolicamente pela metade porque privada de todas as possibilidades que seu próprio trabalho criava: eles não comiam diamantes. Inversões imaginárias que fazem do mundo moderno o que ele é, o elenco de ficções que nos tornam cúmplices daquilo que negam e acobertam.

Na Disneyworld não há tablóides indevidamente xeretas nem o voyeurismo de paparazis atrevidos, desrespeitosos e invasivos. Ali não há política, os príncipes são meros coadjuvantes e as estrelas são mulheres comuns injustiçadas, mas sortudas. As imensas desigualdades de anões e gigantes, de

príncipes e plebéias, se resolvem no colorido de um reino fantasioso em que tudo dá certo.

Este novo esponsal na família real britânica já submerge nas fantasias participativas da massa consumidora. Fenômeno sociologicamente interessante porque assinala uma característica da democracia moderna: as imensas fraturas sociais são facilmente preenchidas pelo imaginário com os encontros fantasiosos da participação simbólica e do pertencimento fictício. As pessoas já estão comprando souvenirs, como se tivessem sido convidadas e fossem protagonistas das núpcias reais.

Isso acontece não só na Grã-Bretanha, mas acontece lá de maneira modelar. Desde a decapitação do rei Charles I, em 1649, da república de Cromwell e da restauração monárquica, os britânicos conseguiram inventar um sistema político baseado na conciliação, sem sacrifício da legitimidade dos opostos e do conflito, que reúne a diversidade, em que, muito mais do que aqui e em outros países, há geralmente lugar para a pluralidade democrática das diferenças. É a dimensão simbólica da ordem que fascina. Mesmo a Rainha não se furta aos civilizados deveres da pluralidade. Desde a restauração do presbiterianismo escocês, pelo Parlamento em 1690, e do Ato de União da Escócia e da Inglaterra, de 1707, os monarcas britânicos, quando se encontram na Escócia, ainda que formalmente cabeças da Igreja Anglicana, na Inglaterra, que é outra igreja, fazem suas orações em templos da Igreja Escocesa, no fundo uma igreja republicana.

Num outro extremo, convém lembrar que os ingleses foram os criadores dos esportes modernos, o mais notável dos quais, o futebol, se nutre justamente da tradução dos conflitos sociais, mesmo os conflitos de classe, em disputas esportivas. Uma poderosa técnica social de abrandamento das tensões que se tornaram constitutivas da própria vida cotidiana da sociedade moderna.

A monarquia britânica não se distancia da modernidade. Suas funções poderosamente simbólicas são apenas o contraponto do poder do Parlamento, que governa. Ao contrário de tudo que se diz quanto à sua suposta obsolescência está ela no próprio centro de articulação política da sociedade, das forças armadas às grandes universidades. O Príncipe Phillip é o Chancellor da Universidade de Cambridge, isto é o Reitor, e comparece e preside as cerimônias solenes em que a Universidade se afirma como uma instituição social relevante.

Na Grã-Bretanha, um movimento para que a família real pague do próprio bolso os gastos da festa nupcial pode ser anti-monárquico, mas está longe de ser republicano. O casamento do segundo na sucessão do trono renova simbolicamente as funções do rei na permanência da dinastia e do Reino Unido e lhe impõe o dever de gerar herdeiros para a continuidade da monarquia, uma função pública e não uma festa privada.